

HEILBORN, Maria Luiza. "Vida a Dois: Conjugalidade Igualitária e Identidade Sexual" In: *Anais do VIII Encontro Nacional de Estudos Populacionais* - vol. 2. São Paulo, Associação Brasileira de Estudos Populacionais - ABEP, 1992, p. 143-156.

## **VIDA A DOIS:**

### **Conjugalidade Igualitária e Identidade Sexual(1)**

Maria Luiza Heilborn(2)

#### *O Contexto*

A sociedade brasileira tem sido caracterizado por ter uma estrutura do tipo tradicional (Da Matta:1978), onde prevalece a representação de uma totalidade hierarquizada que define lugares e posições para os sexos, para brancos e negros, pobres e ricos, etc... Em termos de parentesco e moral prevalece um tipo de organização cujo modelo é o complexo cultural mediterrâneo (Pitt-Rivers:1977 e Peristyani:1971) com forte ênfase no valor da família e na noção de honra, com rígida demarcação de papéis de gênero e da conduta feminina. Mas, já há algumas décadas uma acelerada modernização na área de costumes tem lugar sobretudo entre as camadas médias e altas dos grandes centros metropolitanos. Esse fenômeno correlaciona-se com uma multiplicidade de outros, mas pode-se mencionar uma dinâmica econômica intensificada com forte concentração de renda presente no país nas décadas de 60 e 70, uma redução da família em tamanho e significado, a ampliação da educação superior, uma ampla exposição do Brasil à comunicação de

massa, o surgimento do feminismo e de um incipiente movimento de liberação homossexual, enfim, variados fatores que tiveram nos segmentos médios seus elementos mais expostos e maiores beneficiários.

O ponto de vista adotado aqui acolhe aos pressupostos contidos na obra de Louis Dumont, acompanhando toda uma literatura que se especializou na caracterização da cultura e desses segmentos médios (cf Velho:1975 e 1985; Salem:1985 e 1989; Russo:1991) e cujo marco teórico e temático gira em torno do individualismo enquanto sistema de valores. A perspectiva dumontiana (Dumont:1977,1979 e 1985) orienta-se pela oposição entre o holismo e individualismo como forma de estruturação do social. Esse antropólogo francês identifica dois modos de configuração ideológica da sociedade: o tipo holista, que é organizado a partir de um princípio hierárquico e o tipo moderno, moldado pelo princípio da igualdade. Na primeira categoria, a ordenação hierárquica traduz-se pela diferenciação do valor instituinte das entidades sociais, conduzindo a uma postulação dos sujeitos como diferentes, complementares e hierarquizados; nela vigoram a precedência e a transcendência da totalidade sobre as partes. O igualitarismo, que funda a

configuração individualista, cujo nome sinaliza para o enfraquecimento da noção de totalidade coincidente com a afirmação da categoria de indivíduo como valor estruturante (Dumont:1970), ao contrário, firma-se por uma lógica de indiferenciação, que aplaina as diferenças entre as entidades sociais.

Afirma-se nesta literatura sobre camadas médias que uma ideologia igualitária ganhou espaço na sociedade brasileira, que entre seus múltiplos efeitos, significou o aparecimento de um modelo simétrico ou "moderno" para a homossexualidade (Fry:1982; Parker:1989 e Mac Rae:1990) com forte ênfase em uma ideologia de igualdade. O modelo hierárquico de identidade sexual, que lhe é antagônico, segue de perto aquele da versão tradicional do gênero que opõe masculino-dominância-atividade sexual versus feminino-submissão-passividade sexual. Esse modelo, que ainda é de ampla aceitação na sociedade como um todo, restringe a classificação de homossexual àquele tão somente que é penetrado ou "passivo", posição que o equaciona logicamente a figura do feminino. O inverso é verdadeiro para a homossexualidade feminina, sem que no entanto o modelo tenha o mesmo vigor no imaginário coletivo. Este artigo pretende examinar a configuração de

conjugalidade homossexual em um universo simbólico estruturado pela ideologia individualista que se expressa pela adoção de um modelo simétrico. Este modelo não só representa ambos os sujeitos envolvidos em uma troca homoerótica como homossexuais como recusa a distribuição diferencial de papéis de gênero entre eles. O contexto mais abrangente da pesquisa refere-se a uma comparação entre casais heterossexuais e homossexuais. E sustenta-se na idéia de que há uma cultura comum que se expressa pela representação do indivíduo calcada nos valores de igualdade e singularidade e por uma modalidade de casal que apresenta determinados mecanismos sociológicos originados pela vigência de valores igualitários. Seu objeto central é o exame desse padrão de conjugalidade e suas implicações bem como a análise em que grau e planos a identidade sexual e gênero introduzem diferenças entre casais de *gays* e de lésbicas, ainda que recorra aos heterossexuais como contraponto.

Do ponto de vista metodológico o propósito foi atingido através da seleção de duas redes sociais em que a identidade sexual não é o vetor principal de sua constituição. Essa opção neutraliza o viés que o material etnográfico comportaria se fossem escolhidos contextos exclusivamente homosociais e, ao mesmo tempo, resgata um

universo simbólico caracterizado por uma aceitação da homossexualidade como estilo de vida e por uma moral moderna de valorização da singularidade e liberdade individual.

O perfil etnográfico da pesquisa integra indivíduos brancos pertencentes às camadas médias na faixa etária dos 35-45 anos. São profissionais liberais, economistas, sociólogos, artistas plásticos, arquitetos, moradores da zona mais privilegiada da sociedade (a sul). Todos já tiveram mais de um relacionamento duradouro. Compartilham do ethos intelectual, psicanalizado, o que no Brasil está associado à modernidade, e são adeptos de uma moral liberal e, eventualmente, vanguardistas, característica de certos segmentos de camadas médias urbanas no Rio de Janeiro (Velho:1983 e 1987 Russo:1991). Uma marca suplementar desse universo e que tende a promover a excelência da relação dual é a de que a princípio essas díades retêm a significação em si mesmas, isto é, elas não são necessariamente detonadoras de grupos familiares (as heterossexuais), o laço conjugal não é perene e a coabitação não é regra. Foram entrevistadas 32 pessoas, mediante o método de entrevistas longas do tipo história de vida, com roteiro aberto.

### *A Concepção de Conjugalidade*

Fundado em nome do amor, o casal moderno está comprometido com a idéia de que se estrutura em função de um encontro psicológico singular, sendo-lhe estranha a idéia de transcendência e sujeição a regras sociais. Em consonância com valores do individualismo, apresenta-se ordenado internamente por um princípio da igualdade, rejeitando qualquer diferença estatutária entre os gêneros. No caso do par homossexual, abolida a possibilidade da classificação de gênero, este princípio de indiferenciação entre os membros, faz acompanhar de uma aguda atenção pela equanimidade da distribuição de tarefas domésticas, que a convivência possa impor, e pela exigência de uma paridade entre os membros no tocante ao aporte financeiro. As despesas podem ser efetuadas em comum, mas prevalece a expectativa que não haja dependência econômica entre os parceiros(3). Em razão disso as parcerias obedecem estritamente uma tendência à homogamia social. Isto se traduz não apenas pela similaridade da inserção de classe, como sobretudo por uma equivalência em termos de capital cultural (Bourdieu:1974) que os parceiros ostentam. Desse modo, fortemente vincado pela idéia de simetria, o casal moderno tem como regra sociológica a

mutualidade(4).

Nesse tipo de equação emerge o valor de que o casal seja capaz de engolfar os sentimentos de solidariedade e arrebatamento sexual. O casal assim constituído tende a concentrar grande número de trocas entre si e possui forte disposição para agir como mônada (Salem:1989). Tal propensão parece mais forte nos momentos iniciais de formação do par, quando sob o signo da "paixão" o casal passa por momentos de intensa convivência. No espaço médio de dois anos a motivação emocional que lhe deu origem é descrita como mudando de natureza e se tornando "amor".

Um casal contém muito da relação social que a amizade representa nesse universo - apoio psicológico, companheirismo, embora ela admita uma certa interdição de relações sexuais - mas dela se diferencia justamente pela idéia de precedência sobre as demais relações. Mas, a conjugalidade moderna adota como ideal a preservação da autonomia individual e da singularidade que a relação da amizade nesse contexto moral exhibe. Entretanto, aí se esboçam seus limites de implementação, uma vez que, ainda que sem nenhuma sanção formal, o casal reivindica e funciona baseado na primazia frente a relações que lhe são comparativamente

metonímicas. É uma relação que possui maior densidade do que as demais, caracterizando-se por um escrutínio regular do mundo das emoções com uma busca de nomeação de sentimentos que envolve. Tal aspecto é em tudo solidário com o cultivo da subjetividade presente nesse universo.

Um dos meus entrevistados reconhece que o casal (igualitário) virtualiza uma certa entropia, donde é necessária um atenção constante para que ela não se realize, já que é tida por insalubre e potencialmente detonadora do "sufoco" - sentimento de aprisionamento. Afinados com esta perspectiva de combate à possibilidade de fechamento sobre si, os entrevistados realizam atividades isoladas, cultivam certos *hobbies* solitários ou amizades exclusivas, que além do prazer que proporcionam ao indivíduos, têm o efeito suplementar de manter o parceiro afastado de uma parte de suas vidas. Evidentemente essa é uma área que demanda atenção, e ela tende a se manifestar de maneira mais vigorosa com a duração do relacionamento. Um dos problemas do casal reside em manter tais "espaços para a individualidade" sob controle porquanto é absolutamente indispensável um solo do casal em termos de tempo e/ou espaço compartilhado (Vaughan:1987).

A conjugalidade moderna pode ser resumida em termos ideais (nativos) como um núcleo de trocas afetivo-sexuais com uma não-demarkação de papéis conjugais (cf. Bott:1976), e que importa mais em precedência do que exclusividade frente a outras relações. O casal encerra uma realidade supra-individual e se move em termos de um contrato, não necessariamente consciente, que chancela uma dependência recíproca entre os parceiros. É este caráter privilegiado do casamento frente o qual outros vínculos sociais adquirem caráter metonímico, que explica a operação de certos mecanismos sociológicos, que acoplados à regra simétrica da troca, a mutualidade, dá origem a uma sorte de contabilidade conjugal. Trata-se de um mecanismo de aferição do contrato, que frequentemente tem por alvo a disponibilidade de cada um dos seus membros em cumprir o acordo de mútua dependência que o casamento encerra. Disso também é prova o que um dos meus entrevistados chamou de "monitoramento pessoal" - espécie de relatório cotidiano sobre as atividades realizadas fora das vistas do parceiro. Esses procedimentos adquirem, por sua vez, caráter de rituais de confirmação da unidade conjugal, que são necessários para a previsibilidade da manutenção do relacionamento. Em suma, são

mecanismos constantes presentes no universo igualitário que determinam o que faz um casal (Berger & Kellner:1970).

O casal ainda exprime um espaço de educação na aceção de regramento de gestos e emoções, i.é., as convenções sociais do mundo privado (cf. Simmel:1950). No centro encontra-se a "intimidade". Misto de relação social e sentimento, que é significada como que escapando ao social pelo conteúdo de excludente do não-público; ela conecta certas categorias de pessoas: cônjuges, amigos e também *siblings*. A intimidade tal como vivenciada pelos nativos é um processo de inversão e um conjunto de regras que demarcam distância física e psicológica. Experimentada como um processo de proximidade emocional e conhecimento entre os parceiros, ela contém expressivos elementos de relaxamento de certas regras de civilidade em especial as relativas ao nojo perante funções corporais do outro (Elias:1990). Traduzida como um valor/bem da conjugalidade é justamente o que pode conduzir a relação à sua descaracterização, nomeada de "virar irmão" (excesso de intimidade e ausência de "tesão". Em certos momentos e contextos intimidade aparece revestida de conteúdo negativo e categorizada como beirando a "falta de respeito", comprometendo a privacidade.

### *Conjugalidade e Homossexualidade*

Se de um lado afirma-se como premissa que o casal igualitário atua nos termos de uma modelação da subjetividade e de uma dada expressão obrigatória dos sentimentos, por outro lado, a norma homossexual parece adquirir constrangimentos ainda mais densos do que os casais heterossexuais se confrontam. A 'densidade' da "condição homossexual" ancora-se na circunstância de na sociedade contemporânea a construção da subjetividade passar obrigatoriamente pela verdade do sexo (Foucault:1977): desse modo a homossexualidade, definida como desviante, demanda uma mais acurada explicitação de suas regras. A ordenação social da heterossexualidade, ao contrário, dispõe de meios de apagamento, porque representada como da ordem natural das coisas (Mathieu:1990). Os sujeitos modelados por este fio de inteligibilidade que a sexualidade fornece são como que capturados nos interstícios de duas linguagens - aquela da vida conjugal igualitária e outra que provém da ordenação simbólica da homossexualidade. Nesse sentido, a lógica da subcultura homossexual, em suas duas variantes, impõe-se aos sujeitos, modelando, a despeito de possíveis afastamentos dessa ordenação, o

modo como ingressam e vivem as relações amorosas-conjugais.

São poucos ainda os trabalhos sobre lesbianismo no Brasil. Muniz (1992) e Portinari (1989) trabalham com a idéia de que a homossexualidade feminina é um produto da linguagem que demarca as possibilidades do campo da experiência. O discurso da homossexualidade feminina, compõe-se de alguns enunciados ou figuras no sentido barthiano (Barthes:1985): a invisibilidade, a intradutibilidade, a sensibilidade particular e excessiva que demanda os sujeitos. Como especificação dessa última ordem o lesbianismo fala do amor como símbolo da sua distinção, atualizando assim imagens da experiência de si que tangenciam o domínio oposto à razão (Muniz:1992:50), anunciando-se aí uma espécie de exarcebação do significado de mulher (Portinari:1989). A invisibilidade está referida em um plano concreto a um menor número de lugares públicos e referências explícitas à homossexualidade feminina, em suma, uma menor cultura pública. A intradutibilidade, por sua vez, ancora-se em uma propalada dificuldade de colocar em palavras a experiência lésbica. Essas três linhas apontam para uma quase resistência de colocar-se em discurso, condição que é irrealizável na cultura, mas que guarda para o lesbianismo a

opacidade já constitutiva na sexualidade feminina.

A homocorporalidade feminina apresenta um padrão recorrente de conjugalidade, ponto de vista que ganha maior rendimento na comparação com a masculina. Um namoro rapidamente ganha um estatuto de relação duradoura. E o casamento é descrito como deslizando do amor para a amizade: o cotidiano é marcado pelo companheirismo com forte ênfase no apoio psicológico mútuo. Nesse sentido a deriva do casal de mulheres é para a transformação do caso em amizade, o que é atestado pela regra da incorporação das parceiras anteriores ao círculo das amizades.

A vigência da regra simétrica manifesta-se também na adoção da elaboração visual/gestual das mulheres entrevistadas. Há como que um diálogo com as imagens ofertadas pelo discurso, em que se busca o afastamento do modelo tradicional encarnado na oposição *facha* e *lady*: os pólos máximos de masculino e feminino. A *facha* constitui-se em vigoroso estandarte do discurso lésbico, expressando a radicalização da recusa do outro sexo, ao capturar para si a representação de gênero masculino via a encenação da mulher-macho da verdadeira homossexual (cf. Newton:1984). A taxonomia do "meio entendido" concede-lhe o qualificativo de "ativa" em termos da

performance sexual. Contudo, no modelo simétrico essa oposição é recusada, ocorrendo um embaralhamento dos atributos de gênero.

Há indicações sobretudo em trabalhos sobre homossexualidade masculina de que a sexualidade não encontra entre as mulheres a importância equivalente que desfruta entre os homens (Fry e MacRae:1982:100-120). MacRae (1990), pesquisando um grupo de liberação homossexual, é levado a deduzir que o modelo igualitário presente provoca entre as mulheres um afastamento similar àquele dos homens em relação ao modelo tradicional, no sentido de desfazer qualquer relevância da marcação "ativo/passivo" no campo exterior ao do ato propriamente sexual. Mas, em verdade, o discurso das mulheres não registra, como o dos homens *gays*, a vigência de uma gramática da cópula nos termos "passividade/atividade". O sexo não emerge como tema da produção da diferença no casal feminino apontando para uma continuidade com o discurso de que o sexo detém para as mulheres um lugar menos privilegiado, se comparando àquele que o amor ocupa.

A excepcionalidade do amor e o *laudatio* de que a relação entre mulheres é algo de extraordinariamente profundo, figuras do discurso da homossexualidade feminina, cedem lugar a uma percepção

de que nas relações o que conta é a personalidade dos indivíduos que as formam. O discurso da excelência sáfica tende ser colocado de lado em favor de uma matriz mais singularizante. Certas mulheres manifestam-se bastante críticas frente a esse "ufanismo lésbico" (Mott:1987:131), entendendo-o como uma fala sem maior conteúdo e pouco sofisticada. Prevalece a idéia de que a homossexualidade lésbica não é brindada com qualquer sorte de superioridade frente outras formas de sexualidade. Entretanto, essa dimensão do discurso, ainda que não totalmente aceita, povoa o imaginário dos sujeitos, que ela vêm se contrapor, e eventualmente dependendo do contexto, pode ser acionada e endossada.

A homogamia social presente nos casais igualitários parece ser praticada com maior empenho e perfeição entre as mulheres homossexuais. Não existe registro entre as entrevistadas, até para as aventuras, o cruzamento da demarcação de classe, que é sobretudo posição social relativa à detenção de um capital cultural equivalente. Diante dessa questão é recorrente a explicação de que o sexo de fato ocupa uma posição subordinada aquela do amor na relação entre mulheres e, portanto, está descartada sequer a atração por mulheres que por algum ou vários motivos discrepem da

própria condição. Esse argumento ganha maior nitidez quando se compara com o fato de no universo *gay* tal prática ser extremamente comum, ainda que para formação de casais seja seguido o padrão homogâmico.

A conjugalidade entre mulheres caracteriza-se, em comparação com os *gays*, por apresentar relações mais duradouras e um maior retraimento para o doméstico.

#### *A Gramática das Diferenças*

Se no plano da concepção de conjugalidade há coincidências notáveis entre as modalidades hetero e homossexual de parceria, no plano da realização sociológica despontam diferenças tópicas em cada um dos tipos. Creio que é na confluência e combinação entre gênero e identidade sexual que tais dissimilaridades devem ser buscadas. Vale notar que há uma recorrência de afirmações sobre os gêneros apesar de nesse universo vigorar a representação de indivíduo plenipotencial. Esse enunciado acopla-se a uma concepção de pessoa prevalente nesse universo que sustenta que a realidade interna dos indivíduos contraria a versão consensual de um simples portador de qualidades socialmente adscritas a cada sexo (Heilborn:1988).

Ainda que esses nativos modernos atribuam as diferenças a uma razão diacrônica, resultante dos efeitos da socialização sofrida, persistem certos indicadores de gênero. As peculiaridades de cada gênero conferem em especial à diáde *gay* e à lésbica sua compreensibilidade uma vez que parecem funcionar como hipérboles do gênero no modelo igualitário. Veja-se por exemplo que a redefinição da imagem social do homossexual, que tem lugar a partir dos anos 70 no bojo da liberação das práticas sexuais. Se de um lado ela concerne à sua despatologização, por outro, encerra uma guinada para a masculinização em reação ao modelo tradicional de caricatura dos traços femininos; esse movimento se faz acompanhar por uma estratégia na linguagem de indiferenciação social e sexual pela adoção do termo *gay* que visa ultrapassar as denominações tradicionais dos homossexuais (Pollak:1988:44). Curiosamente ela coincide com o aparecimento de um novo ideal de homem - "o macho". Tal personagem é mais do que um resgate do masculino, trata-se de uma figura da super virilidade (Perlongher: 1987:85). No caso do lesbianismo não há um movimento similar de formulação de uma figura expressiva como é a do "macho-man", mas, como já assinalado, no universo pesquisado prevalece uma recusa do paradigma da *fancha*,

assim como entre os homens a elaboração visual-gestual acentua os traços atribuídos à masculinidade. Na temática conjugal a indistinção de papéis de gênero atua por intermédio de uma intensificação. Os valores alocados tradicionalmente ao feminino, por exemplo, ganham vigor em um casal que reúne duas mulheres. Assim, é comum entre os entrevistados, mesmo os heterossexuais, afirmar que as mulheres "cuidam mais da relação". Este investimento afetivo sobre o casal manifesta-se no empenho de manter o casamento funcionando e até mesmo no momento da ruptura. Coincidentemente, a versão *gay* sobre o vínculo conjugal entre mulheres é de que elas são mais solidárias entre si - "os homens (*gays*) são só desfrute" sentencia um informante. A diáde lésbica, por sua vez, alimenta-se dessa representação de maior amizade entre as parceiras (Portinari:1989). Desse modo atualiza-se uma imagem que é um todo solidária e congruente com a representação do feminino como portador de maior dedicação ao mundo dos afetos. Perspectiva que se torna mais nítida quando se confronta representações sobre as mulheres heterossexuais. A afirmativa de que as mulheres dedicam-se com mais intensidade, comparativamente aos homens, desenha-as com espécie de guardiãs da vida a dois. A categoria de "desfrute"

sinaliza não apenas um menor companheirismo entre os pares *gays* relativamente aos lésbicos, mas para também uma maior valorização da dimensão erótica entre os primeiros.

O tema do trabalho doméstico também oferece campo para o aparecimento de algumas nuances. Entre os heterossexuais há acordo entre homens e mulheres que na prática cabe a estas últimas a maior parcela da administração doméstica. No par *gay* presencia-se uma clara e verbalizada preocupação de busca de simetria na distribuição de tarefas. O empenho em equilibrar a contribuição dos parceiros, que nos depoimentos emerge com vigor, assinala uma disposição de extirpar qualquer signo de feminilidade que as atribuições domésticas possam reter como conformadora da dinâmica conjugal. No par de mulheres esse tema não apresenta relevo: não demanda a mesma atenção justamente porque se encontra naturalizado pela ideologia de gênero mais abrangente.

E, por fim, nota-se que a gramática complementar da cópula (tradutível no modelo atividade/passividade) permanece com relevo na marcação da conjugalidade entre homens ainda que tal distinção não seja reduplicada em qualquer outro plano da relação (tal como é proposto no modelo hierárquico). Na diáde feminina não apresenta

rendimento.

É a partir do contraste entre os pares homossexuais que chama a atenção o porquê da regra simétrica não prevalecer na estruturação da parceria sexual entre os casais *gays*. Na conjugalidade masculina, e afirmo que limito minhas observações a ela, não descartando a possibilidade de outras alternativas de contatos homoeróticos entre homens, a norma apresenta-se, recorrentemente, sob a forma complementar.

Quanto ao casal heterossexual, o tema permanece no silêncio, discreto, naturalizado, em conformidade com a afirmação de Foucault (1977) sobre o resguardo que a heterossexualidade desfruta na proliferação de saberes que o dispositivo da sexualidade engendra. É bem provável supor que o binômio *comer/dar*, como metáforas impregnantes da cultural sexual brasileira (Parker:1987), possa ganhar conteúdo de inversão em certos contextos situacionais. Contudo, as homossexuais, ao contrário, são simétricas e transitivas. O discurso da passividade/atividade, cuja presença as mulheres entrevistadas podem reconhecer como tendo realidade ao nível do imaginário, não oferece base de diferenciação na gramática da cópula.

Pollak (1988), por exemplo, alerta para a falta de um modelo de relação duradoura para os *gays*, mas estende o seu comentário para a homossexualidade como um todo. O casal heterossexual nesse universo também enfrenta dilemas de estabilidade derivados da grande expectativa alocada sobre o casamento (Salem:1989). Nesse sentido, a conjugalidade heterossexual tal como vivida não experimenta maior conforto fornecido pelo balizamento do parentesco, que rejeita justamente por atualizar uma concepção do casamento fundada na idéia de encontro psicológico entre dois indivíduos. É na lógica da subcultura *gay*, impregnada pelos parâmetros da simbólica de gênero, que se encontra a explicação da menor perenidade relativa dos casais de homens: por contraste, a parceria conjugal heterossexual e a lésbica são mais estáveis. A ordenação do mundo público *gay* mostra-se fundada em relações múltiplas e mesmo anônimas, ainda que se possa considerar como o faz Pollak que esta estruturação tenha seguido a partir dos anos 70 uma inspiração no modelo de um mercado. A hipótese tem verossimilhança uma vez que mercado é também uma categoria nativa. Os nativos tendem a enfatizar a variedade de opções abertas para os homens homossexuais, fazendo-os crer que essa variedade ofertada é

razão direta da não valorização da relação estável. Há oferta em excesso; donde a tentação de mudança contínua de parceiros. A estabilidade feminina observada é frequentemente deduzida de uma falta de oportunidade, pela inexistência de um espaço público; em geral, apela-se para uma argumentação da ordem da razão prática (cf. Sahlins:1976) - a ausência do mercado na versão lésbica. Deve-se enfatizar, contudo, a forma simbólica do dispêndio de dinheiro e salientar que as razões situam-se em um outro plano.

É verdade que o advento da Aids pode e está introduzindo modificações nesse quadro. Meus informantes são em verdade prova desse acontecimento uma vez que uma vida conjugal mais estável coincide com o tornar-se público em 1987 a epidemia da Aids para as pessoas com acesso à informação no Brasil. A exceção de um informante todos os demais entrevistados se definiram por ter tido uma vida anterior considerada permissiva, com múltiplos contatos sexuais.

Acionando as referências fornecidas pela subcultura *gay*, está-se em presença de dois temas: a possibilidade valorada de contatos sexuais com pessoas de outros extratos sociais e de classe de idade distintas. Ao contrário, as mulheres homossexuais apresentam uma

homogamia social radical e não há nada semelhante ao culto da relação entre mais velho/mais jovem que esta presente no mundo *gay*. No universo por mim eleito não se encontra a exaltação das características acima apontadas para os *gays*, mas permanece na lógica da "caça sexual", o *desfrute*. Isto explicaria que, comparativamente às mulheres, o casal *gay* apresenta menores probabilidades de sucesso em termos de estabilidade e duração, consideradas as características demandadas pela conjugalidade igualitária.

Se há três modalidades de casal, há no entanto, ~~em termos modelares~~, apenas dois polos - o hetero e o feminino. Em um polo observa-se mais complementariedade, no outro mais simetria, e o par *gay* desponta como uma tentativa de resolução da dicotomia entre os dois polos. O casal moderno testemunha uma modalidade de arranjo conjugal que em termos simbólicos expressa uma feminização, no sentido tradicional que era atribuído ao feminino. Esse modelo de relação alija os atributos relativos ao papel social conectado ao sexo masculino tradicionalmente expressão de sentimentos mais contidas comparativamente ao gênero feminino e o não-cuidado com o mundo doméstico.

Assim as três modalidades atualizam tais eixos de maneira diferenciada, ainda que contemplem uma concepção de conjugalidade compartilhada. A conjugalidade igualitária pelos valores que encarna - simetria nas atribuições domésticas e ênfase no cuidado da relação e de seus humores - adquire sentido via uma aproximação do masculino da experiência feminina. Ela celebra, bem ao gosto de um *ethos* que auferiu inteligibilidade na cultura dos anos 60 e no feminismo, uma feminização da relação. A parceria marcada pelo ideal de simetria, que se manifesta no não englobamento do feminino pelo masculino, acaba por tornar-se uma espécie de intuição feminina se confrontada ao casal hierarquicamente constituído. A deriva segue do casal hetero para o de mulheres. O modelo de um casal moderno implica, em termos lógicos, uma maior proximidade com um casal de mulheres. Os *gays*, de um lado, são atraídos para o modelo heterossexual, visto que existe a polaridade ativo/passivo, e de outro lado, como eles são mais simétricos (na administração burocrática do lar) do que o casal hetero, eles são capturados pelo modelo de casal feminino. E as mulheres homossexuais levariam ao extremo aquilo que é preconizado para a conjugalidade igualitária, sendo que isso parece implicar uma menor erotização da relação.

*Notas*

(1) Este artigo reflete algumas das idéias expostas na tese de doutoramento "Dois é par: conjugalidade, gênero e identidade sexual em contexto igualitário". Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, UFRJ, 1992, cuja pesquisa contou com o financiamento da ANPOCS/Fundação Ford.

(2) Professora (substituta) do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas/UERJ.

(3) Estas questões são também patentes mesmo quando o casal não coabita; é comum a existência de um espaço compartilhado, como por exemplo casa de campo, onde vigem as regras de divisão do trabalho doméstico e de suprimento financeiro.

(4) Mutualidade encarna uma forma de reciprocidade que opera em termos simétricos. Ela expressa um tipo de trocas em que a mesma dádiva é dada e recebida. O ponto de vista de Bateson (1978) sobre diferenciação simétrica e complementar pode ser aqui adotado. Na simetria observa-se a troca do mesmo conteúdo e na complementariedade ocorre troca de bens ou conteúdos distintos.

(5) Nicole Mathieu (1990) cita o caso de pares homossexuais entre os Swahili (Mombassa-Quênia) onde a mesma prescrição de gênero vale

para os dois componentes da diáde. Assim ambos os homens ou mulheres são representados e se comportam de acordo com a norma para o masculino ou feminino respectivamente. Entretanto a formação de pares obedece a uma hierarquia de status (entre pobre/rico ou mais velho/mais jovem). A ausência de hierarquia por gênero faz-se acompanhar da presença da hierarquia de outros atributos (Heilborn:1991). O modelo simétrico ou igualitário obedece a uma recusa de distinções ao interior do casal, salvo as de origem psicológica, em tudo coerente com a indistinção valorativa que é base do individualismo.

(6) Como contraponto, vale mencionar a existência na cultura brasileira de uma prática de iniciação sexual entre meninos que se denomina "troca-troca": como o nome indica, trata-se de um contato homoerótico em que cada um dos envolvidos é sequencialmente o penetrador e o penetrado (cf. Parker:1989:124). Mediante a troca de posições no ato sexual desfaz-se a possibilidade de algum dos envolvidos ser qualificado de "passivo", condição desvalorizada para o masculino na cultura (cf. Misse:1979 e também Carvalho:1990). Configura-se assim a existência de um modelo de mutualidade culturalmente dado. Não se está pretendendo estender a

validade do equacionamento de um "jogo" para a condição de um relacionamento que se quer estruturado em termos de uma permanência, mas contrastar o porquê da existência desta feição.

*Bibliografia*

BARTHES, Roland. **Fragments do Discurso Amoroso**. Rio de Janeiro, Francisco Alves. 1985.

BATESON, Gregory. **Steps to an Ecology of Mind**. London, Granada. 1978.

BERGER, P & KELLNER, H.. "Marriage and the construction of reality".in: DREITZEL (org.) **Recent Sociology**. n.2 New York, MacMillan Co.. 1970.

BOTT, Elizabeth. **Família e Rede Social**. Rio de Janeiro, Francisco Alves. 1976.

BOURDIEU, Pierre.. **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo, Perspectiva. 1974.

DA MATTA, Roberto. **Carnavais, Malandros e Heróis**. Rio de Janeiro, Zahar. 1978.

DUMONT, Louis. "The individual as an impediment to sociological comparison and Indian history". in: **Religion, politics and History in India**. Paris, Mouton, Pp: 133-150. 1970.

\_\_\_\_\_. **Homo Hierarchicus**. Paris, Gallimard. 1979.

\_\_\_\_\_. **O Individualismo - Uma Perspectiva Antropológica da Ideologia Moderna**. Rio de Janeiro, Rocco. 1985.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor. 1990.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade - A Vontade de Saber**. Rio de Janeiro, Graal. 1977.

FRY, Peter. **Para Inglês Ver: Identidade e Política na Cultura Brasileira**. Rio de Janeiro, Zahar. 1982.

\_\_\_\_\_ & MACRAE, Edward. **O que é Homossexualidade ?**. São Paulo, Brasiliense. 1983.

HEILBORN, Maria Luiza. "Virginia Wolf e as questões do seu tempo". in: **Comunicação** n.12 Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Museu Nacional, Rio de Janeiro. 1988.

\_\_\_\_\_. "Gênero e condição feminina: Uma abordagem antropológica". in **Mulher e Políticas Públicas**. IBAM/UNICEF, Rio de Janeiro. 1991.

MACRAE, Edward. **A Construção da Igualdade - Identidade Sexual e Política no Brasil da "Abertura"**. Campinas, Editora UNICAMP. 1990.

MATHIEU, Nicole. "Identité sexuelle/sexuée/de sexe ? - Trois modes

de conceptualization de rapport entre sexe et genre". in: **Anatomie Politique**. Paris, Éditions Côté-Femmes. 1990.

MISSE, Michel. **O Estigma do Passivo Sexual**. Rio de Janeiro, Achiamé/SOCII. 1979.

MOTT, Luiz. **O Lesbianismo no Brasil**. Porto Alegre, Mercado Aberto. 1987.

MUNIZ, Jacqueline. **Mulher com Mulher dá Jacaré: Uma Abordagem Antropológica da Homossexualidade Feminina**. Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional/UFRJ. M.A. Dissertação. 1992.

NEWTON, Esther. "The mythic mannish lesbian: Radcyffe Hall and the new woman::". in **Signs**. Vol.9, n.4. Stanford University.

PARKER, Richard. "'Within four walls': The cultural construction of sexual meanings in contemporary Brazil". Berkeley University of California. 1987.

\_\_\_\_\_. "Aids no Brasil urbano".in **Cadernos do Instituto de Medicina Social**. Vol.3, n.1, Rio de Janeiro, IMS/UERJ. Pp:112-148. 1989.

PERLONGHER, Nestor. **O Negócio do Michê: A Prostituição Viril**. São Paulo, Brasiliense. 1987.

- PERISTIANY, John G.. **Honra e Vergonha - Valores das Sociedades Mediterrâneas**. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian. 1971
- PITT-RIVERS, Julian. **The Fate of Scheschem of the Politics of Sex**. Cambridge, Cambridge University Press. 1977,
- POLLAK, Michel. **Les Homossexuels et le Sida - Sociologie d'une Epidémie**. Paris, Editions A. M. Métailié. 1988.
- PORTINARI, Denise. **O Discurso da Homossexualidade Feminina**. São Paulo, Brasiliense. 1989.
- RUSSO, Jane. **O Corpo contra a Palavra**. Ph.D. Tese, Rio de Janeiro, PPGAS/Museu Nacional. (datilog.).
- SAHLINS, Marshall. **Cultura e Razão Prática**. Rio de Janeiro, Zahar. 1976.
- SALEM, Tania. "Família em camadas médias: Uma revisão da literatura recente". in **Boletim do Museu Nacional**. N. 54, Rio de Janeiro. 1985.
- \_\_\_\_\_. "Casal igualitário: Princípios e impasses". in: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. N.9 vol. 3, Rio de Janeiro. 1989.
- SIMMEL. G.. "Types of social relationship by degrees of reciprocal knowlefege of their participants". in: WOLFF, K. (ed.) **The Sociology**

of G. Simmel. New York, The Free Press. 1950.

VAUGHAN, D.. **Uncoupling - How Relationships come Apart**. New York, Vintage. 1987.

VELHO, Gilberto. **Nobres e Anjos: Um Estudo de Tóxicos e Hierarquia**. São Paulo, FFLCH/USP, Tese de Doutorado. 1975.

\_\_\_\_\_. **Individualismo e Cultura: Notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor. 1985.